

Armindo Jaime Gomes

HISTÓRIA GERAL DE ANGOLA

À LUZ DO PROGRAMA DO
CURSO DE LICENCIATURA



Copyright

© Armino Jaime Gomes/Mayamba Editora, 2024

Título

HISTÓRIA GERAL DE ANGOLA
À LUZ DO PROGRAMA DO CURSO DE LICENCIATURA

Autor

Armino Jaime Gomes

Revisão linguística

Mayamba Editora

Colecção

Biblioteca da História

Revisão linguística

Palmira Simões e Mayamba Editora

Editor

Arlindo Isabel

Capa e paginação

Luciano de Paula Almeida

Edição

Mayamba Editora

Rua da Liga Nacional Africana, n.º 13

Município de Luanda – Luanda-Sul / Angola

Caixa postal 3462

Telefone (+244) 931930264 | 918 240 318 | 927 648 964 | 911 564 614 | 912 203 008

E-mail: mayambaeditora@yahoo.com

Site: www.mayamba-editora.com/ www.mayambaeditora.co.ao

Facebook: Mayamba Editora

Impressão e acabamento

SOPOL Gráfica, Lda

1.ª edição

Fevereiro de 2024

Tiragem

1000 exemplares

Depósito Legal n.º 10685/2022

ISBN: 978-989-761-348-7

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia, offset, fotografia ou por outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do editor, torna-se ilícita e passível de procedimento judicial.

Seja Original! DIGA NÃO À CÓPIA

AGRADECIMENTOS

Aos nossos pais, por não terem descurado a educação formal no meio de toda a roda-viva entre missionários protestantes, católicos coloniais e monopartidárias a nosso favor;

Aos professores de todos os níveis de escolaridade, por terem correspondido aos nossos anseios;

Aos alunos, particularmente da academia de 1996 a 2022, por terem correspondido às nossas expectativas, estendendo o nosso pedido de perdão aos que se acharam defraudados por nossa causa.

A verdade histórica pertence ao historiador; ao professor cabe ajudar o aluno a interpretá-la.

Havendo incongruências na interpretação da presente apostila, a culpa será de quem cometeu erros quando não devia, no momento inoportuno, no local inopinado, com quem nada tem que ver com o caso.

Índice

AGRADECIMENTOS	7
PREFÁCIO	17
INTRODUÇÃO	25
CAPÍTULO I	
DA COMPREENSÃO À EXTENSÃO TOPONÍMICA DE ANGOLA	29
Introdução.....	29
1.1. Das origens à compreensão.....	30
1.2. Da compreensão à extensão.....	35
1.3. Da extensão à delimitação de fronteiras.....	40
Conclusões.....	43
CAPÍTULO II	
ASSENTAMENTOS MIGRACIONAIS PRIMÁRIOS E SECUNDÁRIOS	45
Introdução.....	45
2.1. Os pré-bantu. Caracterização geral.....	47
2.1.1. Khoy-khoy e Sans.....	50
2.1.2. Óvâtwà (ou vâtwà).....	52
2.1.3. Kazamas e os bergdamas.....	54
2.2. Os bantu. Caracterização geral.....	56
2.2.1. O Estado do Khongo.....	64
2.2.2. Os Estados Ambundu.....	70
2.2.3. Estados planálticos ovimbundu.....	79
2.2.3.1. Estado do Mbalundu.....	91
2.2.3.2. O Estado do Ekovongo (Viye).....	99
2.2.3.3. Estado do Wambu.....	106
2.2.3.4. O Estado do Ndulu.....	110
2.2.3.5. O Estado de Ngalangi.....	114
2.2.4. Os Estados Vacokwe.....	122

2.2.4.1. Dimensão fronteiriça entre os balunda e vacokwe.....	128
2.2.4.2. Os valuale.....	133
2.2.4.3. Os vambunda.....	134
2.2.5. Nações vangangela.....	135
2.2.6. Estados vanyaneka e vankhumbi.....	137
2.2.7. Os Estado ovambo.....	139
2.2.8. Nações vahelelo.....	143
2.2.9. Nações vacindonga.....	148
2.2.10. O país Kulembe.....	148
2.3. Características gerais bantu.....	152
2.3.1. Do ponto de vista político.....	153
2.3.2. Do ponto de vista económico.....	159
2.3.3. Do ponto de vista sociocultural.....	162
2.3.4. Do ponto de vista religioso.....	168
Conclusões.....	174

CAPÍTULO III

ENTRE A PENETRAÇÃO OCIDENTAL E A RESISTÊNCIA BANTU.....	175
Introdução.....	175
3.1. Resenha sobre antecedentes.....	176
3.2. Resistência do Khongo.....	183
3.2.1. O messianismo enquanto instrumento de resistência.....	190
3.2.2. Entre o mito e a realidade yaka.....	194
3.2.3. Reflexões conclusivas.....	208
3.3. Os ambundu.....	209
3.4. Estado de Kasanji.....	225
3.5. Povoamento de Benguela.....	231
3.5.1. O “reino” de Benguela.....	241
3.6. O tráfico de escravos e o seu abolicionismo.....	260
3.7. Evolução administrativa pré-colonial.....	283
3.8. A colónia de Moçâmedes.....	289

3.8.1. O povoamento mbali do Namibe.....	298
3.8.2. O povoamento mbali do Dombe-Grande.....	315
3.9. Povoamento não-bantu.....	322
3.9.1. Das colónias bóeres ao povoamento madeirense.....	324
3.10. O comércio sertanejo umbundu.....	335
3.11. CIBK — <i>Conferência Internacional sobre a Bacia do Khongo</i>	349
3.11.1. Contributo de David Livingston a CIBK.....	357
3.11.2. Tratado de Simulambuku.....	359
3.11.3. O Mapa Cor-de-Rosa.....	366
3.12. Igrejas Protestantes do Século XIX.....	370
Conclusões.....	399

CAPÍTULO IV

REACÇÕES BANTU ÀS PRETENSÕES TUGAS.....	401
Introdução.....	401
4.1. Indículo precursor das reacções bantu.....	401
4.2. Desempenho dos sertanejos na política planáltica.....	404
4.3. Da corrida à ocupação tuga e à resistência bantu.....	417
Conclusões.....	431

CAPÍTULO V

DA OCUPAÇÃO DE ANGOLA AO ULTRACOLONIALISMO TUGA.....	433
Introdução.....	433
5.2. Perspectiva expansionista da colónia de Angola.....	433
5.3. Implementação do sistema colonial.....	441
5.4. Povoamento metropolitano.....	452
5.4.1. Povoamento cabo-verdiano.....	463
5.4.2. Pressupostos do povoamento judaico.....	466
5.4.3. Impacto do Estado Novo.....	467
5.4.4. Decadência das autoridades políticas endógenas bantu.....	472
5.4.5. Os contratados na política colonial.....	477
Conclusões.....	480

CAPÍTULO VI

DO NACIONALISMO À LUTA ARMADA	483
Introdução.....	483
6.1. Antecedentes da luta armada.....	483
6.2. Impacto da PIDE/DGS na manutenção da colonização.....	484
6.3. Ascensão dos movimentos sociopolíticos.....	489
6.4. A OSA.....	499
6.5. A FNLA.....	501
6.6. Do manifesto de 1956 ao MPLA.....	508
6.6.1. O CEA.....	519
6.7. A FUA.....	523
6.8. O MPLA em corrupio.....	525
6.8.1. Fragmentação de Viriato da Cruz.....	532
6.8.2. Fragmentação de Mário Pinto de Andrade.....	540
6.8.3. A revolta do Leste.....	543
6.8.4. A “revolta activa”.....	548
6.9. A FLEC.....	552
6.10. Processo dos 50.....	554
6.11. A década de 1960.....	562
6.11.1. Revolta de Kasanji.....	564
6.11.1.1. Porquê “Baixa de Kasanji”?.....	565
6.11.1.2. Enquadramento histórico.....	566
6.11.1.3. Implicações da estratégia de catalogação colonial.....	568
6.11.1.4. Implicação da colonização rural.....	571
6.11.1.5. Caducidade da hegemonia não-bantu.....	573
6.11.1.6. Movimento estudantil revolucionário.....	575
6.11.2. Influência do contexto internacional.....	578
6.11.3. Emerção do profético ano de Kasanji.....	581
6.11.4. A inércia de Kasanji.....	582
6.11.5. O papel influente da Igreja.....	584

6.11.6. Kasanji da década de sessenta.....	585
6.12. Impacto do assalto ao pacote <i>Santa Maria</i>	587
6.13. A revolução do “4 de Fevereiro” de 1961.....	590
6.14. O impacto do 15 de Março.....	601
6.15. Jonas Malheiro Savimbi nas lides da UNITA.....	605
6.15.1. A UNITA num contexto controverso.....	614
6.16. Perspectiva política da Extensão Rural.....	620
Conclusões.....	637
CAPÍTULO VII	
A DESCOLONIZAÇÃO DE ANGOLA.....	639
Introdução.....	639
7.1. Acordos de Alvor de 1975.....	643
Conclusões.....	662
CAPÍTULO VIII	
IMPACTO DA INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA.....	665
Introdução.....	665
8.1. Génese e espectro da guerra em Angola.....	667
8.1.1. Âmbito económico.....	670
8.1.2. Âmbito sociopolítico.....	671
8.1.3. Âmbito cultural.....	675
8.2. A RPA — República Popular de Angola.....	676
8.3. Do 27 de Maio de 1977 ao perdão reflexivo.....	683
8.4. I Congresso do MPLA.....	705
8.5. O SEF — Saneamento Económico e Financeiro.....	720
8.6. Os Acordos de Bicesse de 1991.....	724
8.6.1. Sequelas das primeiras eleições multipartidárias.....	734
8.6.2. O MEL — Memorando de Entendimento do Lwena.....	743
8.6.2.1. Contributo do êxito do MEL.....	745
8.6.2.2. Garantias da consolidação do MEL.....	746
Conclusões.....	748

CAPÍTULO IX

DA RECONCILIAÇÃO NACIONAL À BURGUESIA MILITAR.....	751
Introdução.....	751
9.1. Como as FAA contribuíram para a reconciliação nacional?.....	751
Conclusões.....	767
CONCLUSÕES FINAIS.....	769
BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA.....	773

PREFÁCIO

Durante os 34 anos [1988-2022] que lidámos com a historiografia de Angola, de forma profissionalmente constante, descortinámos o quanto ela é em tudo diferente e em tudo é semelhante, pelo que se torna uma matéria academicamente fascinante, o que, a nosso ver, torna-a ímpar no seio das demais ciências sociais e humanas sobre esta realidade geográfica. Assim justificamos a principal razão de assumirmos a árdua tarefa de interpretar um conjunto de fontes, deixando que os nossos alunos, e particularmente os professores, para os quais a presente apostila é dirigida, reinterpretem de modo a chegarem mais próximo da verdade histórica.

Isto, porque em matéria de história de Angola para os angolanos ainda existe muita interferência de poderes discricionários. Ou seja, academicamente falando, o que se ministra em Angola ainda é objecto de estudo quer do ponto de vista do conteúdo, quer em termos do método.

Para melhor entendimento, permitam-nos descrever o seguinte caso que ocorreu em 1993, no Lubango. Tendo em conta o novo contexto constitucional, a Direcção Provincial do Ministério de Educação convocara, para uma reunião, os professores de História dos mais variados níveis curriculares de escolaridade. Nesta jornada, coube-nos participar numa sessão de 45 minutos sobre o tema geral do impacto das funções da história nos alunos.

O país em retalhos ainda vivia sob a balbúrdia dos resultados eleitorais, com o Kwitu, no Bié, em chamas. Para as nossas demonstrações a uma plateia de 73 participantes, numa das salas da Escola Mandume, escolhemos o tema “Impacto do Tráfico de Escravos em Angola” apresentado em narração acompanhada de visualizações coloridas em cartolina.